ISSN: 2358-8829

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHEK. O UNIFORME COMO UMA MARCA DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Luiz Fernandes da Costa [1]

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar evidências de Representações Sociais do uniforme escolar por alunos do curso de formação de professores, em nível médio. A coleta de dados foi realizada no Instituto de Educação Sarah Kubitschek, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2015, foi aplicado um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), distribuído em 19 turmas (06 turmas da 1ª série; 05 turmas da 2ª série; 03 turmas da 3ª série; 05 turmas da 4ª série), totalizando 296 alunos. Eles deveriam, a partir da expressão "uniforme escolar", associarem três palavras, expressões ou frases que lhe viessem à mente ao ouvi-la, seguindo com as justificativas. As evocações foram introduzidas no software IRAMUTEQ, que identifica possíveis elementos centrais a partir da frequência (F) e ordem média (OME). Obteve-se como núcleo da representação social as palavras "saia", "caro", "tradicional", "vulgar", "calor" e "desnecessário", nessa ordem. Os alunos reconhecem que o uniforme do curso normal é uma marca histórica da educação brasileira, sobretudo para as comunidades de entorno da cidade do Rio de Janeiro. Mas também, admitem que a falta de uniformidade e originalidade, exige uma revisão por ter se tornado vulgar. Assim um reexame da indumentária poderá proteger as alunas do bullying que sofrem diariamente.

Palavras-chave: História da Educação, Uniforme Escolar, Curso de Formação de Professores, Descontentamento, Representação Social

INTRODUÇÃO

O Brasil Império demarca a preocupação com a democratização do ensino. O Decreto-lei de 15 de outubro de 1827, proclamado pelo Príncipe Regente D. Pedro I, oficializou o atendimento escolar, e para esse alcance buscou estruturar um curso para formação de professores. De maneira que surge a primeira escola normal das Américas, insitituída a partir do decreto nº 10, artigo 2º, em 10 de abril de 1835[2], Niterói, Província do Rio de Janeiro. Esses professores cuidariam da formação elementar das crianças

[1] Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ), luiz.fernandes2008@hotmail.com.

[2] https://www2.alerj.rj.gov.br/biblioteca/assets/documentos/pdf/publicacoes/livros/legislacaoInstrucaoPublicaProvinciaRJ_1835_1875.pdf, acesso em 15 de julho de 2026.

(BRASIL, 1835).

De início, a formação de docentes buscava disseminar a engenhosa ideia de progresso da nação, aliada ao avanço, a inovação e à ordem, como ações consideradas importantes na formação de um sujeito moralmente integrado à sociedade. O que oportunizou a propagação dos ideais de uma educação civilizatória, como registrado em alguns estudos (Faria Filho; Vidal; Paulilo, 2004). Assim sendo, projetou-se a escola como uma instituição de produção de ordem social (PETITAT, 1994), pela qual se transmite de geração em geração, normas e garantia da continuidade do sistema. O que marcou significativamente as práticas pedagógicas de regulação e condutas instituídas pela Escola Normal. Dentre essas práticas surge a utilização do uniforme escolar que distinguiria historicamente a nova modalidade de formação de professores. Em 1880, era criada a Escola Normal do Distrito Federal (RJ), que passou a ser uma referência nacional de educação, como um dos principais centros de formação de docentes, que tinha por projeção a expansão do ensino primário com programas pedagógicos inovadores.

No início do século XX ocorre um aumento significativo de meninas na rede escolar. Principalmente no Curso Normal, quando o número de mulheres supera em muito o número de homens, pois o gênero feminino se identificava mais com a profissão. De modo que em 1920, o número de homens no curso normal era em torno de 2,5% a 4% do total de alunos (Lima, 2017, 2015). Iniciava-se assim a gênese da feminização da profissão. Posteriormente, seria exigido um uniforme para os professores em exercício, para uso na atuação profissional ou no lazer. O primeiro passo para essa realização foi dado pelo então prefeito do Distrito Federal, Rivadávia Correia. O Decreto de nº 1679 de 05 de janeiro de 1915 tornava obrigatório para os profissionais do magistério, o uso de uniforme[3]. Inclusive, alertando das infrações no caso do uso indevido. Depois essa insígnia foi estendida também a todas as normalistas em final de curso, que estavam em exercício docente. A intenção era o de igualar as alunas de todas as classes sociais, possibilitando um ambiente de grupo, que fortaleceria a escola normal, ao mesmo tempo que procurava diferenciar às normalistas na região do Estácio

[3] Publicações da Câmara Municipal. DECRETO N.º 1679, de 5 de janeiro de 1915. p. Disponível em http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acessado dia 27.12.23.

(centro do Rio de Janeiro)[4], reduto de prostituição da cidade. De forma que a proposta do uso do uniforme era o de disciplinarizar os corpos, controle moral e forjar uma identidade profissional. Não se tratava apenas de moldar a formação profissional, mas também a conduta, como imagem pública modelar daqueles que desempenhariam o papel formativo das futuras gerações.

Nesse aspecto o uso do uniforme conferia um certo *status*, presença, pertencimento e prestígio social, que passou a ser caracterizado como artefato de destaque intelectual. Segundo Silva (2007) "quanto mais urbano era o lugar e mais imponente o edifício escolar, maior era o rigor quanto ao uso dos uniformes" (SILVA, 2007, 77) .

A discussão sobre o uso da idumentária prossegue com Gondra (2004) para quem há ainda uma preocupação com o uniforme, a de adequá-lo à saúde, proporcionando higiene. Por isso, deveria cumprir a função de vestir e de proteger o corpo de modo adequado. A autora adverte que o uso não deveria se basear em moda, principalmente, para o sexo feminino, visto que é mais sujeito às seduções (Gondra, 2004, p. 187). O que parece sugerir que, provavelmente a autora pensava em um *design* de idumentária baseada na praticidade, conforto e durabilidade.

De forma que no século XX o uniforme foi instituído com uma conotação escolar alimentada pelo positivismo, que vislumbrava a educação como salvadora, transformadora e progressiva. Dessa forma representar a escola e ser representado por ela trazia uma divisa de orgulho, imprimia decoro e pudor aos corpos. A escola era doutrinadora. Um reforço a educação familiar. E por fim, forjava uma identidade social e coletiva. E essa consideração faz permanecer o uso de uniformes até aos nossos dias, como reitera Marcon (2010).

> " O uniforme escolar, no decorrer da história, serviu para identificar, controlar e padronizar os alunos das instituições que utilizam e até hoje utilizam. Há os que se referem ao seu uso como forma de segurança e outros afirmam ser o uniforme um encobridor das diferenças sociais de uma mesma escola e/ou sala de aula, além dos efeitos estéticos." (MARCON, 2010, p.21)

Contudo há que se considerar a mudança dos tempos, visto que os alunos apresentam novas percepções sobre o tema. Percebe-se que muitos utilizam o

[4] O PAIZ. O uniforme das normalistas. 10.12.14. p. 2. Disponível em http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acessado dia 27.01.17.

uniforme por exigência, sem o real comprometimento com o que ele representa para a formação profissional. Nessa direção, estabeleceu-se o objetivo de investigar o uso dessa indumentária. Trata-se de um tema pouco explorado nas investigações, mas que o momento atual demanda um diálogo com a comunidade escolar e as demais escolas do curso normal do estado do Rio de Janeiro. Uma vez que o uso do uniforme escolar se transformou em um problema recorrente, e como professor vinculado à instituição acompanhei de perto a dificuldade para garantir sua padronização. Sendo assim, com a anuência do instituto, prossegui com esta averiguação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para essa análise foi escolhido a Teoria das Representações Sociais que é uma abordagem da Psicologia Social. Surgiu na Europa com a obra "La psychanalyse: son imagem et son public", publicada por Serge Moscovici em 1961. Essa abordagem restabelece o aspecto social dentro da Psicologia Social, evocando o conceito de representações coletivas identificadas por Durkheim.

Moscovici (1978) entende que as representações coletivas não se adequavam ao estudo das sociedades contemporâneas devido a sua multiplicidade de sistemas (político, religioso, filosófico). Ao propor as Representações sociais, Moscovici parte da especificidade de um conceito psicossocial em que estuda as relações entre indivíduo e sociedade, e se afasta da visão socializante de Durkheim. E ao preconizar a mudança do "coletivo" para o "social", o autor buscou priorizar a qualidade dinâmica das representações ao invés de priorizar o aspecto estático. De forma que Moscovici (1978, p. 25) reconhece que Durkheim ao sugerir a expressão "representação coletiva", contribuiu para sua importância social.

Neste sentido colabora Sá (1995, p. 26), para quem essas relações estabelecem as teorias do senso comum que acontece "em todos os lugares onde as pessoas se encontram informalmente e se comunicam: no café da manhã, no almoço e no jantar, nas filas de ônibus, do banco e do supermercado, no trabalho, na escola e nas salas de espera, nos saguões, nos corredores, nas praças e bares.

A linha de Representações Sociais conta com três abordagens: a processual, a societal e a estrutural. A processual, criada por Serge Moscovici, tem em sua estrutura

duas faces que guardam uma equivalência entre si: a face figurativa e a face simbólica. É nesse ponto que ocorre o rito de passagem dos dois processos que dão origem a uma representação. Esses processos são chamados de objetivação e ancoragem. A Objetivação cuida da passagem dos conceitos ou ideias para esquemas ou imagens concretas e que serão transformadas em "supostos reflexos do real" e a ancoragem cuidará da constituição da rede de significados em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais (MOSCOVICI 1978 apud Sá, 1995, p. 47).

A abordagem societal dá ênfase as relações entre os processos sociais e cognitivos, assim como as inserções sociais dos indivíduos. Foi estruturada por Willem Doise (1982)[5] como objetivo de integrar a sociedade e os indivíduos. Essa perspectiva é analisada sob quatro níveis, a saber: intraindividuais, interindividuais, grupos de status diferentes e o último refere-se aos sistemas de crenças, avaliações, representações e normas sociais.

Para o nosso estudo foi escolhido a abordagem estrutural. Ela abarca uma metodologia plural, partindo de um tratamento quantitativo para a identificação do núcleo estrutural, para então despontar o qualitativo. A abordagem estrutural é um dos desdobramentos das Teorias de Representações Sociais desenvolvidas por Jean-Claude Abric. Esse autor (1998, p. 45) entende as representações sociais "como uma condição das práticas e as práticas como um agente de transformação das representações". De acordo com essa abordagem (ABRIC, 1994) a representação social de um objeto está estruturada por meio de um núcleo central e um sistema periférico. O núcleo central é rígido e impede mudanças ocasionais na estrutura, por isso o núcleo central é determinado "de um lado pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com esse objeto e, enfim, pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo" (ABRIC, 1998, p.31).

Em sua teorização (1998), Abric considera que as representações sociais são orientadas simultaneamente para o sistema central e periférico buscando enfatizar suas características que funcionam de forma contraditória. Enquanto o núcleo central condensa os elementos estáveis e rígidos da representação, o sistema periférico traz para si os

[5] DOISE, Willem. *L'Explication en Psychologie Sociale* Paris: P.U.F., 1982

elementos móveis e flexíveis. Esse sistema dual é necessário a existência de uma representação social. A função do núcleo central transmite os sentidos da representação ancorado na partilha dos valores dos sujeitos que compõe o grupo estudado, ao passo que o sistema periférico alimenta as experiências vividas por cada sujeito, seu envolvimento social consubstanciado pelas práticas do grupo. Enquanto o núcleo central é estável e o sistema periférico flexível, as mudanças no periférico não mudam as propriedades do núcleo central, funcionando como proteção.

METODOLOGIA

O ensino da Escola Normal foi oficializado pelo Decreto 530/1946 e a equiparação com o nível secundário através do Decreto-Lei 1821/1953 (CASTRO, 2006, p.8). Tais medidas possibilitaram a expansão da modalidade do Curso Normal em todo o território brasileiro. Assim surgia em 03 de maio de 1959 a Escola Normal da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Recebeu o nome de Sarah Kubitschek, em homenagem a primeira dama brasileira, mulher que alcançou respeito e admiração do povo pelo seu trabalho social.

No ano de 1974, passou a se chamar Instituto de Educação de Campo Grande, quando foi alocado em sua sede definitiva, em uma área de 44 000m^2, na Avenida Manoel Caldeira de Alvarenga, 1203, Campo Grande. Em 1978, passou a ser o Instituto de Educação Sarah Kubitschek, despontando nos jornais do país e na Revista O Cruzeiro, como o complexo educacional mais equipado da América Latina. No ano 2000 o instituto alcançava o seu ápice com 7281 alunos matriculados.

O uniforme era uma de suas “marcas de pertença”, anunciava a presença do instituto, e por onde quer que os alunos andassem gozavam de respeito e admiração, uma divisa de enaltecimento e concretização do sonho de jovens e/ou de seus familiares.

Com a mudança do tempo e atendimento as novas gerações, percebe-se que as concepções estão mudando. Na pesquisa realizada, alguns alunos apontaram que o problema está no custo das indumentárias, já que são três: uma delas reservada para o dia do hasteamento da bandeira, desfiles cívicos e formatura, outra para aula de Educação Física, e o terceira para os demais dias. Ao lado disso, os discentes da última série criaram a blusa do formando, através do qual anunciam que em breve estarão formados. Acervo do Instituto de Educação Sarah Kubitschek

ISSN: 2358-8829

Mas o IESK arrefeceu na cobrança das idumentárias. E com o fim da fiscalização rigorosa dos uniformes, o padrão mudou. As saias ficaram muito curtas, os decotes mais prementes assim como as maquiagens muito exageradas. O sentimento de respeito deu lugar a vulgarização e ao descrédito social. Dessa forma surgiram os apelidos como "periguete" e "sarete" presentes no cotidiano das alunas, que passaram a sofrer *bullying*. Muitas vezes são afrontadas por onde passam com palavras vexatórias, de humilhação e de descrédito moral.

A partir de 2010 a insatisfação estava fora do controle, e chamou a atenção deste pesquisador que à época fazia o levantamento histórico da instituição. Assim em 2015 foi aplicado um teste de evocação livre a 19 turmas, totalizando 296 alunos, distribuídos da seguinte maneira: 102 da 1ª série; 78 da 2ª série; 58 da 3ª série e 58 alunos da 4ª série. Desse universo tem-se 40 pesquisados do sexo masculino e 256 do sexo feminino, a maioria dos alunos com idade entre 15 e 20 anos.

TESTE DE EVOCAÇÃO

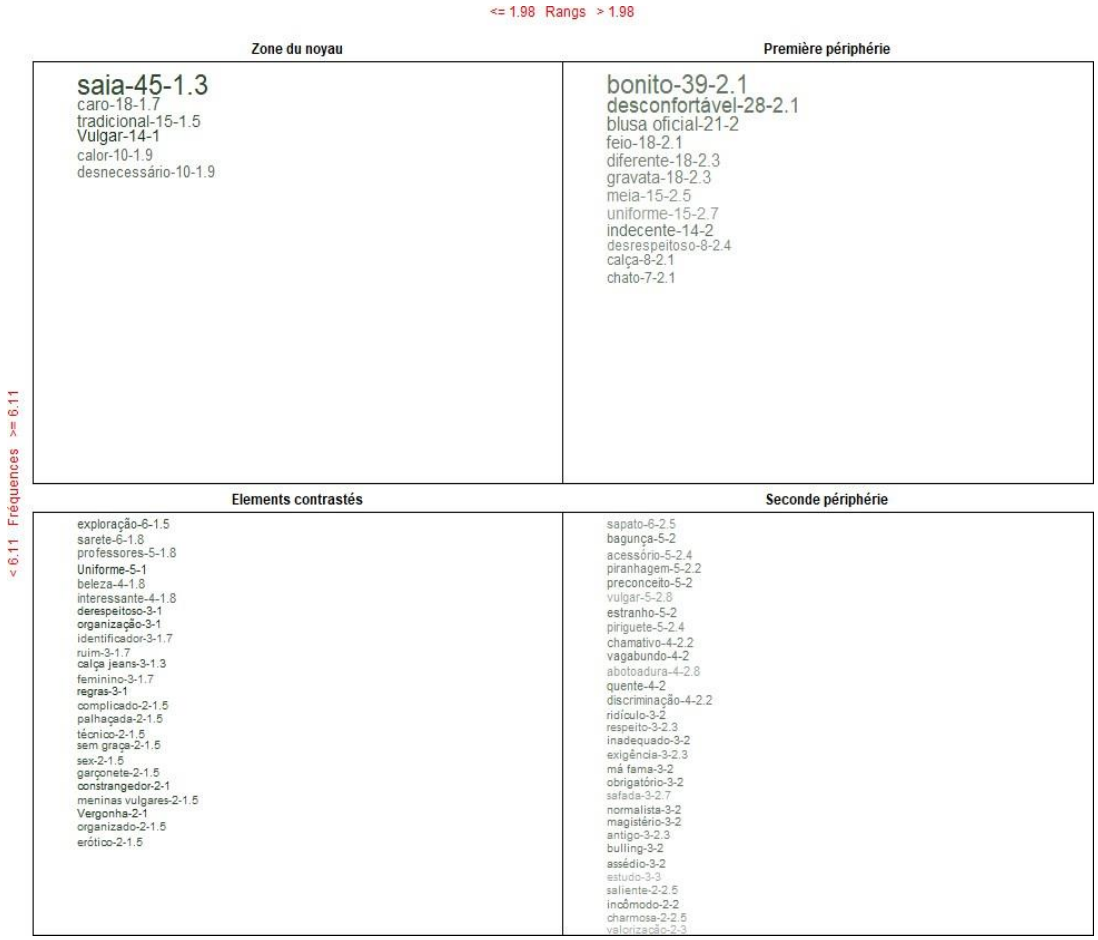
O primeiro passo para essa realização foi uma explicação detalhada de como se processaria a pesquisa. A partir da expressão indutora "**uniforme escolar** " deveriam associar três palavras, expressões ou frases que lhe ocorressem quando àquela foi mencionada. A seguir foi pedido que justificassem tais escolhas. O que se se realizou.

As palavras evocadas foram submetidas ao software Iramuteq, seguindo as orientações de Pierre Ratinaud (2009). Esse procedimento busca identificar os possíveis elementos do Núcleo Central (NC) e do Sistema Periférico (SP) de uma representação. O resultado foi distribuído em 4 quadrantes de um sistema ortogonal, com leitura procedida no sentido horário.

No 1º quadrante se encontram os elementos que compõem o NC. São elementos cujo valor de Ordem Média (OME) é menor que a média das citações e o valor da frequência (VF) é maior ou igual ao valor da frequência média (VFM) das citações. No 2º quadrante estão elementos intermediários **1** (EI), com valor OME maior ou igual que a média das médias das citações e o VF maior ou igual ao VMF. No 3º quadrante ficam os elementos periféricos (EP), cujas atribuições tem OME maior ou igual a média de citações e VF menor que VFM das citações. No 4º quadrante registram-se os elementos intermediários **2**, que tem OME menor que a média das médias das citações e VF menor

que o valor da frequência média. A tabela 1, mostra a possível estrutura da representação social do uniforme escolar pelos alunos do Curso Normal do Instituto de Educação Sarah Kubitschek.

Tabela 1. Possível estrutura da representação social do uniforme escolar pelos alunos (**A**) do Curso Normal do IESK.



Encontrada a centralidade dessa representação, procurou-se entender seu conteúdo a partir das justificativas apresentadas através da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A análise teve como ponto de partida conhecer cada palavra que compõe o NC, seguidas das respectivas justificativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O NC dessa representação é composto pelas palavras "**saia**", "**caro**", "**tradicional**", "**vulgar**", "**calor**" e "**desnecessário**". Essas palavras seguem contextos, acepções, crenças de cada pesquisado, conjugando opiniões pessoais com as de grupo de atuação, criando uma identidade de pertencimento. De acordo com Moscovici (1984a

apud Sá, 1995, p.28), os indivíduos não só processam informações como interagem com elas de forma que " produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos".

A palavra **"saia"** segundo Amora (1998, p. 655) é definida como "vestuário ou parte do vestuário das mulheres que vai da cintura até uma altura variável das pernas". E essa altura variável se transformou em uma celeuma entre as normalistas. O que se dá principalmente nos últimos anos com alcance de uma conotação do meio social de estranheza, já que as saias se tornaram demasiadamente curtas, como registradas nos depoimentos a seguir:

> Eu acho o uniforme bem tradicional, da época da 1ª dama Sarah Kubitschek, sendo que as meninas (a maioria) não se dá o respeito e usa a saia muito curta, mostrando os glúteos. É uma falta de respeito (A.79).
>
> Saia – lá vem a menina de saia, a "safadinha" que estuda no Sarah. Só porque usamos saia os homens pensam o pior e dão muito em cima. Acho que deveria tirar a saia e deixar usar calça jeans (A. 129).
>
> Saia, que acaba rotulando jovens em "saretes" (A. 133).

O instituto recebe alunos da rede privada, porém o maior contingente vem da rede municipal do Rio de Janeiro, acostumada a receber uniforme e material gratuitos. Soma-se a isso a dificuldade financeira de muitas famílias, e de outras que não tem por hábito gastar dinheiro com a educação dos filhos. Daí a alta frequência da palavra **"caro"** ao longo dessa pesquisa, como segue:

> Acho um absurdo o preço do uniforme. É uma escola pública e muitas pessoas não fazem o curso por causa do alto custo do uniforme (A. 68).

Desde o surgimento, a Escola Normal é reconhecida também pelo uso de um uniforme especial (gala). Trata-se de uma transmissão cultural e histórica de uma geração para outra, que está impregnada de valores no imaginário social. A "**tradição**" é reconhecida por nossos alunos quando relatam que:

> O uniforme é tradição do curso. Ao ver alguém com esta roupa, automaticamente já associamos às normalistas (A. 253).
>
> O uniforme é tradicional por ser o mesmo modelo há décadas, porém deveria ser mais rígido quanto ao tamanho da saia (A. 255).

E apesar de ser uma tradição, se banalizou. Deixou de ser um distintivo na formação educacional, de orgulho e de pertencimento. Atualmente, para muitos alunos, o uso do uniforme, é como carregar um fardo muito pesado, o cumprimento de um castigo, uma **vulgaridade**. Nesse aspecto relatam que:

ISSN: 2358-8829

> Muitos associam isso com a prostituição, por ter muitas meninas que deixam a desejar. Muitos homens têm feitiche com isso e a gente sofre bastante com os tarados (A. 1).
>
> Porque se tornou tão vulgar e tão discriminado que fantasia de carnaval seria a melhor denominação. Durante o carnaval muitos meninos se vestem com o uniforme, rebaixando o nome da escola (A. 85)

O mundo evoluiu. O Brasil se transformou em uma potência industrial, agrícola e de serviços. Em decorrência de muitas atividades, aqui e em todo o mundo, a temperatura está se elevando, e o homem precisa se adequar ao novo mundo. Mas o uniforme do Curso Normal é o mesmo, suscitando reclamações por parte dos alunos pelo desconforto no **calor**. Essas são algumas das reclamações dos alunos:

> Apesar de bonito, o uniforme normal é quente demais! Em dias de verão, a blusa longa é insuportável (A. 37).
>
> No calor essa roupa sufoca, até que a saia ajuda mais. A meia, a blusa, a sapatilha dá a sensação de que você está no Deserto do Saara (A. 39).

Ao fim de toda essa reflexão, chega-se a última palavra do núcleo central que é "**desnessário**". Os depoentes consideram que esse uniforme deveria ser dispensado, por ter perdido a sua utilidade. Que o fato de usar o uniforme ou de não usá-lo, não traz benefícios para os alunos nem para o instituto, como segue:

> Pois ninguém segue o uniforme corretamente. O uniforme é cobrado no início, mas depois é um relaxo total. Para usar o uniforme assim é melhor não ter uniforme (A. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do uniforme escolar parece depreender um olhar mais amplo sobre a situação atual do Curso no estado do Rio de Janeiro, berço da Escola Normal. No dia 24 de outubro de 2002, reuniram-se oito escolas do curso[6] para apreciarem o projeto desse pesquisador, a saber: "revendo a Matemática nas escolas de formação e professores". 38 professores de Matemática e de Didática do Ensino, foram convidados para apreciaram a pauta proposta, que tratava de carga horária do curso, conteúdos e procedimentos que poderiam melhorar a formação de nossos alunos, no momento em que o aproveitamento de matemática estava em queda. Desse encontro foi tirada uma proposta e sugestões de melhora para o curso que foi remetido a Secretaria Estadual de Educação (SEE- RJ). Mas a tônica do encontro tomou outra direção, que foi a forma como os alunos são admitidos no curso. Chegou-se à conclusão que a falta de realização de concursos de

[6] As seis escolas da capital do RJ e duas de outros municípios.

admissão à Escola Normal pode ser a grande causadora das dificuldades de manutenção de qualidade nessa modalidade de ensino, também de comprometimento dos alunos. Posteriormente a ficha de pesquisa sobre o uniforme escolar incluiria o tópico "fale sobre o curso". Nela muitos alunos expuseram suas insatisfações em estar no instituto, por atenderem o desejo dos responsáveis ou por falta de opção. Diante da problemática instaurada pelas concepções dos discentes, entende-se , ser este um momento propício para revisão do uniforme, dentre todas as escolas do curso normal Fluminense, de forma que contemple as opiniões levantadas, cuidando da unidade do curso no estado.

Por outro lado, selecionar os alunos passa a ser uma prioridade do curso. Ao competir por uma vaga, é possível que os aprovados se comprometam com o curso, com as normas disciplinares, e estudem com mais satisfação. Poderíamos então resgatar a imagem da escola e preparar profissionais dos quais a região se orgulharia. Olhando por esse viés a "saia" representa muito mais, como: falta de atitude, comprometimento e responsabilidade de nossos discentes. Quem sabe se a volta do concurso de seleção de alunos para o curso, possa dar um novo ápice de formação aos mais jovens educadores do Brasil na região?

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In A.
S. Moreira & D. C. Oliveira (Eds.), Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: Ed. AB., 1998.

ABRIC, J. C. Pratiques sociais et represéntations, Paris: Presses Universitaires de France, 1994

AMORA, S. Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 16. ed. p. 655, 2006.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70, 2004.

CASTRO, M. G. B. Uma retrospectiva da formação e professores: histórias e questionamentos. In. VI SEMINÁRIO REDESTRADO REGULAÇÃO EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE, 2006, Rio de Janeiro.
VI Seminário REDESTRADO Regulação Educacional e Trabalho Docente, 2006.

_____. Historias de guardapolvos y uniformes: sobre cuerpos, normas e identidades en la escuela. In.: GVIRTZ, Silvina. (compiladora). Textos para repensar el día a día escolar: sobre cuerpos, vestuarios, espacios, leguajes, ritos y modos de convivencia en nuestra escuela. Buenos Aires: Santillana, 2000.

FARIA FILHO, L. M., VIDAL, D. G., GONÇALVES, I., & PAULILO, A. L. A cultura

escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, *30*(1), 139-160, 2004.

GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GONDRA, J. Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Rio de Janeiro: UERJ, 2004

LIMA, F. S. As Normalistas do Rio de Janeiro – O ensino normal público carioca (1920 – 1970): das tensões políticas na criação das instituições à produção das diferentes identidades de suas alunas (Tese de Doutorado). UFRJ, 2017.

_____. As normalistas chegam ao subúrbio — A história da Escola Normal Carmela Dutra: da criação à autonomia administrativa (1946- 1953). Rio de Janeiro: [Dissertação de Mestrado]. UFRJ, 2015.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.) educado: pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. ___. Currículo, gênero e sexualidade. O "normal", o "diferente" e o "excêntrico". O corpo In.: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane;

MARCON, M. D'Andréa. Aspectos Históricos do Uso dos Uniformes Escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul). Caxias do Sul: UCS, 2010 (Dissertação de Mestrado).

MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da psicanálise*(A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicada em 1961).

PETITAT, A. Produção da escola / produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. 1.ed. Porto Alegre, RS. Artes Médicas, 1994.

[6]RATINAUD, P. IRAMUTEQ: Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires (computer software) [Internet]. 2009 [cited 2015 Oct 15]. Available from: http://www.iramuteq.org » http://www.iramuteq.org

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In M. J. Spink (Org.), O conhecimento no cotidiano. *As representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, K. N. da. "Criança calçada, criança sadia!: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo - Usp, São Paulo, 2007.